

REVISTA
LATINOAMERICANA
DE PSICOPATOLOGIA
FUNDAMENTAL

Revista Latinoamericana de Psicopatologia
Fundamental

ISSN: 1415-4714

psicopatologiafundamental@uol.com.br

Associação Universitária de Pesquisa em
Psicopatologia Fundamental
Brasil

Costa Pereira, Mário Eduardo
Entrevista com Prof. Jean-Jacques Rassial
Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, vol. V, núm. 4, diciembre, 2002, pp. 142-149
Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=233018122012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entrevista com Prof. Jean-Jacques Rassial*

Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental (RLAPPF): *Prof. Jean-Jacques Rassial, o sr. trabalha na Universidade Paris XIII, mas nesse momento está se transferindo para a Universidade de Provence/Aix-Marseille I, onde passará a dirigir o Laboratório de Psicopatologia Clínica. Para começar: na qualidade de psicanalista implicado na investigação científica acadêmica, como o sr. vê o contexto atual da pesquisa psicanalítica na universidade?*

Prof. Rassial: Houve uma evolução muito grande nos últimos anos. Antigamente, a pesquisa psicanalítica na universidade era marginal, marginalizada ao mesmo tempo pelos universitários e pelos psicanalistas. Contudo, pela influência de um certo número de pessoas, creio que deve-se citar dois em especial: Pierre Fédida e Roland Gori, a pesquisa em psicanálise conquistou uma verdadeira inserção na universidade, com concepções epistemológicas sobre as quais é preciso refletir e, eu diria, com uma autonomia de pesquisa muito importante, que se concretiza pelo fato de que atualmente os psicanalistas na universidade têm podido se encontrar e trabalhar conjuntamente, apesar das diferenças de escolas. É preciso lembrar que na França houve essa grande fratura que foi a fratura lacaniana. Foi realmente a impulsão de Fédida e de Roland Gori que permitiu a implantação desse lugar acadêmico de pesquisas e de trocas científicas entre pesquisadores psicanalíticos de diferentes orientações. E eu diria, a considerar as divergências que continuam existindo entre os psicanalistas dentro ou fora da universidade, que essas diferenças são

* Concedida a Mário Eduardo Costa Pereira em Campinas, no dia 1º de maio de 2002.

secundárias face a tudo o que ameaça a psicanálise no momento atual. As ciências cognitivo-comportamentais opõem-se ao modelo psicanalítico em particular. Talvez menos o modelo cognitivista, ao contrário do que se pensa: os verdadeiros cognitivistas não nossos adversários, são pessoas que trabalham com outras questões e que podem nos trazer muita coisa de interessante, em todo caso, bem mais que o relançamento dessa espécie de positivismo, de influência americana é preciso dizer, que em última instância oculta uma renovação do comportamentalismo. Há uma tomada de consciência dos analistas em geral, e em particular dos analistas na universidade, que faz com que agora seja possível opormos a esse modelo cientificista uma verdadeira epistemologia da pesquisa em psicanálise. Por exemplo, podemos mostrar como a questão não é mais a de saber se a psicanálise é ou não uma ciência: isso não é mais uma questão. Em todo caso ela é inegavelmente uma prática racional, seguindo portanto uma racionalidade, que permite produzir uma soma de resultados que não são simplesmente resultados internos, que concernem apenas aos analistas, mas resultados que concernem ao conjunto da comunidade científica. Nesse aspecto houve avanços muito importantes porque os psicanalistas ficaram muito freqüentemente e durante muito tempo numa postura, poderíamos dizer, solipsista, talvez mesmo um pouco autista. Ou seja, nós falávamos apenas entre nós... – e isso é uma crítica aos psicanalistas.

RLAPPF: *O sr. considera que os psicanalistas estariam excessivamente centrados em seus debates internos também no que concerne à construção dos modelos em psicopatologia, ou seja, sem levar em conta a necessidade de trocas com outras áreas do conhecimento para o desenvolvimento dessa disciplina situada justamente em uma encruzilhada de saberes?*

Prof. Rassial: Exatamente, mas eu acredito que tenha havido uma evolução no sentido de que algumas pessoas tomaram consciência disso bastante cedo, para dizer que a psicanálise não concerne apenas à relação privada entre um psicanalista formado segundo critérios objetiváveis e um paciente que poderíamos chamar de uma espécie de neurótico ideal. Trata-se, igualmente, por um lado, de pessoas que utilizam legitimamente a psicanálise apropriando-se dela por vias que, enquanto universitários, podemos validar. Eu penso nos psicólogos – nos psicólogos clínicos, por exemplo. E por outro lado, temos tido que nos ocupar de populações muito maiores que esses pequenos burgueses, neuróticos comuns, dos consultórios privados.

Outro fato que concerne a todos os analistas é que hoje as demandas que recebemos, enquanto analistas, compreendendo inclusive os pacientes atendidos em consultórios privados, não são mais o mesmo tipo de demanda que recebíamos há 25 anos.

RLAPPF: *A propósito dessas novas demandas, em seu livro mais recente publicado no Brasil, intitulado “O sujeito em estado-limite”,¹ o sr. busca ressituar a questão da psicopatologia dos chamados estados-limite a partir de uma reflexão sobre o estatuto do sintoma na constituição subjetiva. Nele, o sr. demonstra claramente a dependência da organização subjetiva em relação às contingências histórico-culturais da formação dos laços sociais. O que mais o sr. poderia adiantar das teses principais sustentadas nesse livro?*

Prof. Rassial: Creio que é difícil para mim realizar um resumo do livro, mas posso avançar alguns aspectos. Primeiro ponto: nós não podemos nos contentar com uma abordagem um pouco simplista do conjunto da psicopatologia. O diagnóstico de estrutura, no sentido da estrutura freudiana, deve ser capaz de exprimir os processos psicopatológicos para além do plano descritivo.

RLAPPF: *Mas, do ponto de vista clínico, a idéia de borderline responde justamente a certos impasses específicos colocados quando se aborda esses indivíduos apenas com as categorias psicopatológicas freudianas tradicionais...*

Prof. Rassial: Mas é preciso saber que na França, sob a influência de Lacan, epistemologicamente tínhamos uma exigência ao mesmo tempo de definição, de permanecer no registro das estruturas freudianas clássicas – neurose, psicose, perversão – e de conceber e definir as novas patologias apenas com a reflexão metapsicológica que lhes estivesse associada. Não nos contentávamos com uma mera descrição. Podemos descrever os estados-limite – e eles foram notavelmente bem descritos. Kernberg, por exemplo, fez uma excelente clínica dos estados-limite. Mas isso colocou – e continua a colocar – um certo número de problemas aos analistas na França em geral, e aos analistas lacanianos em particular.

Há o trabalho notável de André Green, que tentou pensar como poderíamos articular os estados-limite com a metapsicologia freudiana, o que lhe permitiu fazer um certo número de avanços. Eu também tentei tomar essa via – apoiando-me em parte em André Green, o que, aliás, eu reconheço explicitamente no texto. Tentei pensar as coisas à partir dos instrumentos que Lacan nos dá. E acho que, paradoxalmente, Lacan, que se opunha à especificidade de um diagnóstico de estados-limite, nos dá os elementos para pensá-los com sua teoria do *Sinthome*. Suas últimas teorias embaralham um pouco essa imagem simplista que poderíamos ter da psicopatologia laciana – a idéia cristalizada de que o neurótico seria aquele que se encontra organizado a partir de um laço imaginário e o psicótico seria praticamente uma vítima, segundo uma teoria neodeficitária da forclusão do Nome-do-Pai. Isso continua verdadeiro, mas não descreve o

1. Rassial, J.-J. *O sujeito em estado-limite*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2002.

conjunto da clínica. Se mecanicizamos a noção de forclusão do Nome-do-Pai, não seremos mais capazes de darmos conta da evolução atual das psicoses. Ora, as queixas que temos hoje são muito diferentes daquelas expressas pelos pacientes de Freud. Eu dizia há um instante – e Elisabeth Roudinesco mostra isso muito bem – que as queixas que recebemos hoje referem-se mais à depressão do que à angústia. Para tentar retificar essas dificuldades, temos hoje uma clínica, a dos estados-limite, mesmo que não tenhamos necessariamente o conjunto dos elementos capazes de delimitá-la teoricamente. Nesse livro, eu tento fazer uma pequena contribuição a partir de uma abordagem lacaniana, que se apóia numa clínica particular, a dos adolescentes. Esta não é a única clínica com a qual trabalho, mas é aquela que privilegio nesse estudo. Bem, trata-se de uma pedrinha na construção de uma teoria psicanalítica dos estados-limite. É um paradoxo: o diagnóstico de estado-limite é produzido no campo da psicanálise e depois é exportado para o campo da psiquiatria – onde obtém muito sucesso. Os psicanalistas são um pouco reticentes, com razão aliás, quando se vê a extensão psiquiátrica desse diagnóstico, demasiado ampla. E creio que atualmente estamos em um terceiro tempo, particularmente com Green, seguido de outros, no fato de procurarmos repiscar esse conceito, esse diagnóstico.

RLAPPF: *Exatamente. Mas, em seu livro, o fato de pensar os estados-limite em relação à adolescência normal obriga a que ressituemos a noção mesma de psicopatologia...*

Prof. Rassial: Eu tenho uma idéia, que não é original – ela foi sustentada por outros – Masterson nos Estados Unidos – que a adolescência é um estado-limite normal: ou seja, todos nós passamos, ao longo da vida, ao menos por um estado-limite transitório, provavelmente vários. É um estado-limite transitório na estrutura, e que acaba ao final da adolescência. Aliás é possível perceber isso claramente quando examinamos os elementos que permitem diagnosticar uma personalidade-limite segundo as classificações atuais: nelas, para se estabelecer este diagnóstico, deve-se ter certeza de que se trata de um sujeito jovem, mas não de um sujeito adolescente, pois se tomarmos o conjunto de critérios que estabelecem o diagnóstico de personalidade-limite, acabaremos descrevendo um adolescente absolutamente normal: tendência a isolar-se em alguns momentos, manifestações de conformismo e de originalidade ao mesmo tempo, crises de cólera não justificadas, momentos de angústia ou de depressão e outros elementos que se alternam. Temos aí uma crise de adolescência perfeitamente normal. É simplesmente quando há uma persistência dos sinais, deslocados para o adulto, que podemos então diagnosticar, segundo o DSM, o estado-limite. Isso prova a vizinhança fenomenológica entre a clínica dos estados-limite e a clínica do adolescente, da crise da adolescência.

RLAPPF: *Nesse contexto, como o Sr. vê a participação das condições socioculturais contemporâneas na configuração psicopatológica dos estados- limite?*

Prof. Rassial: São numerosas, tal como indica o título que proponho para uma de minhas conferências: “Intervenção com paciente individual, sofrimento coletivo”. Creio que aí temos que aprofundar a teoria psicanalítica, apoiando-nos simplesmente em Freud, especialmente em “Mal-estar na civilização”, mas também em Winnicott e outros. É a questão da articulação entre o individual e o social; acredito que não haja um sofrimento individual que não seja ao mesmo tempo um sofrimento social e que não podemos abordar um sofrimento individual sem abordá-lo através do laço social. Acho que essa é verdadeiramente a grande questão que se coloca à psicanálise, que se coloca à psicopatologia e que nos faz dialogar com outras disciplinas da psicologia como a psicologia social. A psicologia social experimental é provavelmente um dos ramos da psicologia que obteve o maior número de resultados nos últimos anos, sob a influência americana e também dos franceses, como Beauvois. Esse também é o caso da psicologia cognitiva, compreendida no verdadeiro sentido da psicologia cognitiva, não essa mistura, essa confusão “comportamental-cognitiva” que nos apresentam de vez em quando, mas que se interroga, por exemplo, sobre a dependência/independência do indivíduo quanto ao seu campo de inserção. Essa é uma questão que deveria interessar aos analistas. Deveríamos poder dizer que temos elementos a trazer nesse debate, ou questões a colocar aos colegas cognitivistas porque são verdadeiras questões. Em que medida, por exemplo, uma patologia pode considerar-se como independente daquilo que é o modo de manifestação socializado dessa patologia; em que medida o engajamento patológico está ligado ao conjunto do sistema perceptivo que funciona para um sujeito, sabendo que esse sistema é socialmente determinado e, mesmo, culturalmente determinado. Eu trabalho muito com uma colega que está num campo vizinho, o campo da etnopsiquiatria. Marie-Rose Moro dirige atualmente uma equipe na Universidade Paris XIII, na qual eu próprio estava integrado, mas na verdade deixei a direção progressivamente para assumir o trabalho na Universidade de Provence, com Roland Gori. Em todos esses grupos observa-se muito bem como é difícil construir uma psicopatologia universal, como é difícil uma psicopatologia transcultural. Faz parte atualmente dos grandes desafios para a elaboração da pesquisa em psicopatologia psicanalítica.

RLAPPF: *E quanto às questões que vêm do campo da neurobiologia e da genética psiquiátrica, como o sr. vê suas incidências na psicopatologia atual?*

Prof. Rassial: Eu vejo mal. Eu diria que as vejo mal porque primeiramente não sou muito competente nesse campo. Estou muito mais interessado pelos modelos

cognitivistas clássicos, ou seja, os modelos da inteligência artificial. Estou muito mais interessado nesse gênero de questões do que nos progressos das neurociências e da farmacologia.

Freud nunca negou uma parte de organicidade nas patologias, nos processos psicopatológicos. A questão é saber o que se consegue modificar através das intervenções psicofarmacológicas. É evidente que pode-se modificar um certo número de coisas. É claro que os neurolépticos foram uma grande conquista para a psiquiatria e para a psicopatologia. Com os neurolépticos conseguimos evitar a internação dos doentes mentais. Inegavelmente houve progressos e será preciso que dialoguemos a respeito desses progressos. Há, por outro lado, os mitos que funcionam, inclusive os mitos da causalidade. O livro de Roland Gori, que cito sempre, mostra muito bem como há uma paixão da causalidade que agita a psiquiatria de hoje. Certamente existem fatores que são determináveis em função de dimensões fisiológicas, como na depressão, por exemplo. Não se trata, contudo, de dizer que depressão reduz-se a esses fatores. Não se trata tampouco de negar o uso pontual e prático de um certo número de tratamentos biológicos que são cada vez mais precisos. Trata-se de saber se a partir dessas descobertas podemos negar a sobredeterminação, por exemplo, de uma depressão. O fato é que a depressão deve-se provavelmente à conjunção de um número de fatores ambientais/mentais, de história pessoal e mesmo de determinantes filogenéticos e, talvez, provavelmente, de fatores de disposição e de ambiente.

RLAPPF: *Dessa perspectiva, a tarefa propriamente epistemológica da psicanálise no campo da psicopatologia é ainda mais urgente.*

Prof. Rassial: Certamente. Penso que esse é um debate muito importante e que devemos sustentar junto da comunidade científica a validade dos modelos psicanalíticos, particularmente a racionalidade dos modelos psicanalíticos.

Nesse sentido, Roland Gori critica frontalmente a Popper quando este sustenta que a psicanálise não é uma ciência. De minha parte, eu acho muito simpática a proposição de Popper porque, para ele, a psicanálise não é uma ciência, mas as matemáticas também não. E eu acho que a vizinhança com a matemática como disciplina discursiva, formal e estrutural me parece uma vizinhança simpática para a psicanálise.

RLAPPF: *Bem, o sr. vem freqüentemente ao Brasil e tem um conhecimento bastante concreto da implantação da psicanálise na Universidade em nosso país. Como o sr. vê a pesquisa psicanalítica no contexto acadêmico brasileiro atual em relação ao que está sendo feito na França?*

Prof. Rassial: Existe alguma coisa que particulariza muito a psicanálise na universidade no Brasil, se levamos em conta a situação da psicanálise na França,

a qual é interessante, mas que é muito específica; trata-se de uma história particular. E sobre o que se passa no Brasil, um especialista francês às vezes não teria muito o que dizer. Contudo, o que eu posso dizer é que a cada vez que venho ao Brasil, eu aprendo muita coisa, pois acho que aqui há uma pesquisa muito viva. Os departamentos de psicologia – a psicologia aqui é excepcional em relação à França – freqüentemente constituem um lugar para o ensino da psicanálise, um lugar apoiado sobre uma prática clínica em instituições vinculadas à Universidade e que serve tanto para renovar a clínica psicanalítica como para fundamentar as pesquisas propriamente psicanalíticas. Esta é uma experiência com a qual nós temos muito que aprender.

Do lado da psicanálise há questões que nos são evidentemente questões comuns, como, por exemplo, as pesquisas sobre as relações entre o espaço urbano e o espaço psíquico – essas são questões vivas. Há, também, questões estritamente brasileiras e creio que são os brasileiros que poderão respondê-las. É preciso ser muito prudente quanto às bases sobre as quais estabelecer nossas relações. Creio que devemos ter entre a França e o Brasil, ou seja, entre a psicanálise francesa e a psicanálise brasileira, entre as universidades francesas e as universidades brasileiras, relações de muita reciprocidade e igualdade.

RLAPPF: *E que pontos o sr. acredita que poderiam interessar ao desenvolvimento de pesquisas psicanalíticas comuns aos dois países no campo da psicopatologia?*

Prof. Rassial: Bem, eu não quero fazer aqui uma teoria universalista. O que posso dizer é que as questões sobre a adolescência, sobre a modernidade, sobre o laço social, sobre a família, vejo aí grande proximidade com as questões francesas. Enfim, vejo tópicos comuns e que não se diluem em um suposto universal. Estive em outros países onde as trocas são evidentemente interessantes, mas eu diria que não vi lá o mesmo interesse pelas questões que são as que me interessam. Nós, de fato, fizemos muitos intercâmbios, por exemplo, com os países do Magrebe. Outros colegas trabalham de forma muito próxima com os países do Magrebe. É verdade que quando vou ao Marrocos, um dos países muito ligados à França, onde temos facilidades porque temos uma língua comum, tenho a impressão que suas questões não são as mesmas que as minhas. Quando venho ao Brasil, talvez tenha aí uma dimensão transferencial que não se trataria de negar; quando os franceses vêm ao Brasil, eles sempre voltam. Vocês têm aqui a visita de numerosos franceses que vêm encontrar aqui outra coisa além do que simplesmente um compromisso formal. Há uma comunhão de pensamentos muito forte, creio que isso diz respeito à América Latina de maneira geral.

RLAPPF: *E no plano específico da psicanálise na universidade, como o sr. vê isso?*

Prof. Rassial: Creio que esse é justamente um dos pontos sobre os quais nós estamos à vontade, no diálogo entre franceses e brasileiros. Ou seja, a esse nível nossas tradições universitárias são latinas, acrescentando-se aí a Espanha: as tradições universitárias da Espanha, como as da França, são tradições antigas, do século X. Nelas deu-se a história da mistura das tradições cristãs, judaicas e muçulmanas. Elas constituíram um lugar de encontro dessas três tradições. A isso se nos opõem atualmente o pragmatismo anglo-saxão. Isso ocorre por um certo número de razões: não se pode falar de ciência localizada num contexto de mundialização, apenas como se se tratassem de contextos científicos europeus ou sul-americanos absolutamente distintos e independentes. Não se trata, portanto, de negar a importância das trocas mundiais. Não é nem mesmo estritamente a questão da livre circulação de mercadorias. O que nos coloca problema é a dominação do sistema de pensamento, não apenas dos Estados Unidos e do Japão, que estão um tanto a reboque de tudo isso. A predominância americana ou japonesa, não somente sobre as trocas em si, mas sobre o pensamento. Não é, por exemplo, o inglês de Oxford que domina, ele não tem o valor referencial, assim como o japonês? Efetivamente nós temos que fazer valer contra isso a tradição do latim, por exemplo. O mal-estar nas trocas de pensamento não ocorre porque o sistema é contra a língua espanhola, a língua italiana e mesmo a língua inglesa, mas porque os pensamentos não podem ser deduzidos fora de uma língua. E é porque existe uma língua, que esta determina seus pensamentos. Efetivamente, enquanto psicanalistas, enquanto cidadãos e enquanto universitários, devemos nos opor claramente à imposição de um modelo de pensamento particular que se pretende universal.

RLAPPF: *Uma última questão – O Sr. poderia nos falar de seus projetos acadêmicos e de pesquisa para quando assumir integralmente a direção do Laboratoire de Psychopathologie Clinique da Universidade de Aix-Marseille I?*

Prof. Rassial: Trata-se de uma continuidade da política de pesquisa dirigida por Roland Gori; com estilos bem diferentes, evidentemente, em particular no que diz respeito a nossa concepção de psicanálise na universidade. Haverá, portanto, sobretudo uma acentuação em direção às colaborações internacionais, em particular com o Brasil, e, de outra parte, em direção a pesquisas aplicadas, as quais têm a dupla vantagem de ancorar nossas pesquisas em uma realidade social que nos concerne e implica e, o que não é negligenciável, de nos permitir nossa autonomia financeira e sustentar os doutorandos.